

Héctor Abad Faciolince

A nossa hora



Tradução de Margarida Amado Acosta

Estou farto de ouvir dizer que a vida é uma viagem ou um caminho escondido repleto de sendeiros que trilhamos sem pensar, erráticos e sem rumo. Porém, apesar de saturante, a ideia de a vida ser uma viagem não é uma mentira completa, por mais curta ou longa que ela seja. Quanto à sua duração, nada sabemos quando nascemos, nem nessa adolescência que tenta adivinhar o futuro lendo a linha da vida na palma da mão. Tudo se virá a saber apenas com a passagem do tempo, se morreremos cedo ou tarde, se sofreremos um acidente ou uma doença, se nos matarão antes. Por vezes, chega-se a um momento da vida, quando esta se prolonga o suficiente, em que se sabe que a viagem não será curta. Tenho a mesma idade, sessenta e cinco anos, que tinha o meu pai quando o mataram. Nesse ano, 1987, eu contava vinte e oito, e embora ele não parecesse velho, também não posso dizer que parecia novo. O meu pai andava há um lustro a dizer que já vivera o suficiente e que podia morrer sossegado a qualquer altura. A minha mãe, pelo contrário, morreu do mal das rugas, vergada como um três, como dizia o poeta Pombo,² aos noventa e seis anos, mas a vida nunca foi suficiente para ela. Queria sempre mais, desejava chegar, no mínimo, aos cem anos. Seja como for, ninguém diria que não teve uma vida comprida, uma longa viagem, mesmo que a ela não lhe tenha bastado.

² Refere-se aos versos do poema *La pobre viejita* [*A pobre velhinha*], do poeta colombiano Rafael Pombo (1833-1912). (*N. da T.*)

Até uma existência curta seria demasiado comprida para ser completamente contada. Quando tentei fazê-lo, noutras ocasiões, só me saíram umas quantas cenas que, bem ou mal, pretendiam representar o que mais sobressaía na biografia de uma personagem. Na poesia, este procedimento chama-se sinédoque, a parte pelo todo. De facto, como diz Isaac Bashevis Singer, «é impossível escrever a verdadeira história da vida de uma pessoa. Supera o poder da literatura. O relato completo de qualquer vida seria absolutamente aborrecido, além de absolutamente incrível». Uma viagem, por mais curta que seja, também não se pode contar completamente, com as suas noites e os seus dias, os seus desvelos, pesadelos, sonhos, madrugadas, jejuns e refeições, conversas sérias, frívolas, intrascendentes, fugazes.

Ainda assim, sinto necessidade de contar, até onde for capaz, uma breve viagem que fiz dentro da longa viagem da minha vida, pois sei que marcará para sempre os anos que me restam viver. Às vezes, a Alexandra, a minha mulher, quando está de mau humor, diz que já não há nada a fazer e que, se eu quiser, que a conte, porque já está feita, mas que esta minha viagem à Ucrânia — que parecia apenas um pequeno desvio intrascendente —, quer a conte, quer não, nos deu cabo da vida para sempre.

*

Ocorre-me que talvez tenha feito esta viagem, e que esteja a escrever sobre ela, para ver se, finalmente, me volto a sentir jovem, vivo. No entanto, o facto de a ter feito antes, e de agora a estar a escrever, faz-me sentir muito mais morto que nunca, à beira da morte, e talvez seja por isso mesmo, desde o meu regresso, e desde que meti na cabeça que tinha de contar o que vivi, que, mais do que viver, agonizo todos os dias.

Apago a luz e, na mais completa penumbra, de olhos abertos, volto a ver a escuridão, a névoa da guerra, o fumo, a cegueira, o pó. A ingênua calma que precede o estrondo, o silêncio absoluto que se segue à explosão e os gritos a chegar, o medo, o horror, os horrores. Vejo a Victoria Amelina a sorrir para mim desde o lugar que lhe cedi, a sua longa cabeleira loura a arquear-se como o pescoço de um cisne, a leve ironia desenhada na boca. Foi a última coisa que vi, o seu sorriso fantasmagórico e triste, a última coisa que vejo antes de me precipitar no poço do sono. Acordo sete horas depois, tomo os comprimidos (hipertensão, dislipidemia, gastrite, asma, coágulos, infelicidade), faço o meu café, vou até à minha secretária, respiro fundo. Cada dia é, para mim, mais uma página a passar. Abro o meu caderno preto, aliso a primeira folha com a mão, aperto com três dedos a caneta de tinta azul que está ao seu lado e vou escrevendo, enquanto me obrigo a espremer a memória, essa que, felizmente, me quer abandonar. O meu mais querido aliado, sempre, é o esquecimento.

*

Não sei bem se é por causa do stress pós-traumático ou do medo de continuar a escrever sobre algo que apenas me provoca tristeza e angústia, mas caio numa espécie de depressão carregada de apatia sempre que me obrigo a recordar o que vivi e a escrever mais qualquer coisa que me sirva para perceber — a mim e talvez aos outros — a realidade dessa guerra infame num país invadido, arrasado, desfeito. A Ucrânia, esse país que secularmente foi impedido de ser o que queria ser, que já sofreu demasiadas vezes no decurso da sua história o domínio, a invasão, o extermínio e a destruição sistemáticos às mãos das potências que o rodeiam (a Rússia,

a Áustria, a Alemanha, a Polónia e até a Lituânia). Mas, apesar de sentir o dever, a obrigação moral de escrever muito mais sobre a minha experiência na Ucrânia, sobre a escritora que morreu em vez de mim e os meus companheiros de viagem, sobre o sofrido povo ucraniano que, uma vez mais, está a padecer o terror e os crimes da invasão russa, sinto-me incapaz de o fazer e, sobretudo, de o fazer bem.

Quando aperto a caneta com os meus três dedos, quando me sento perante a página em branco do ecrã, tenho a angustiante sensação de que o dom da língua, o dom da escrita, me abandonaram: duvido da ortografia mais elementar (do vê de vaca, do bê de burro, do esse dos meus sapatos, do agá do meu nome), engano-me nas concordâncias de género e número, escrevo períodos ilógicos, parágrafos cuja ideia principal se vai dissolvendo em digressões inúteis, em parênteses que se bifurcam em orações intercaladas para acabarem numa coisa sem pés nem cabeça e nos quais os *non sequitur* se sucedem uns após outros.

Eu, que dantes estremecia de felicidade quando, na solidão dos meus cadernos, encontrava uma palavra, ou, melhor dizendo, quando esta vinha ao meu encontro, amigável, saltitante e precisa como um animal manso que se aproxima para me lambe o sal das mãos; eu, que dantes acreditava que era capaz de dançar com as palavras como um bailarino exímio cujos passos lhe saíam sem pensar, sinto-me agora paralisado, incapaz, sequer, de alinhar três ou quatro numa frase simples. Dantes era como se alguém mas ditasse e eu as fosse unindo umas às outras, aladas e eficazes, com a beleza de algo de que não se sente orgulho por se saber que é alheio, e que não pesava nem parecia um esforço ou um trabalho. Mas agora, pelo contrário, já não vêm ao meu encontro, já não é um prazer brincar livre e espontaneamente com elas,

tenho de procurá-las, de arrancá-las à força de um nó inextricável que não sei onde está e do qual não se querem separar, tenho de escavar nos meandros mais opacos da minha mente, tenho de perguntar aos outros por elas (como se chama aquilo que sentimos quando não somos capazes de nos levantar?) ou de procurá-las nos dicionários, às cegas e às apalpadelas, como se a linguagem já não conseguisse ser um fiel reflexo do pensamento e das sensações e se tivesse escondido atrás de um biombo escuro, de uma muralha intransponível que me proíbe o acesso a esse lugar de onde outrora as palavras surgiam como um manancial limpo, leal, generoso, constante. Um músico surdo, um pintor cego cuja mão é guiada, um atleta mutilado, um violinista maneta, um cozinheiro que perdeu o paladar e o olfato..., ou, o que é mais grave para mim, um escritor cujo único dom, o da língua, o das palavras que escorrem e se esfumam, vaporosas e vagas, escondidas num lugar íntimo do meu cérebro onde estava a linguagem, se tivesse atrofiado e tivesse desaparecido para sempre.

*

Em meados de 2023, tinha de viajar de Medellín para Madrid e, no âmbito dessa mesma ida a Espanha, também teria de passar pela Grécia para marcar presença num belo festival literário, o LEA, organizado em Atenas por uma amiga minha, a Adriana Farsaris. Da Grécia, pensei, seria mais fácil dar um salto até outro lugar onde me comprometera a ir: a Ucrânia, passando pela Polónia. Na Ucrânia, o plano consistia em ir somente a um destino, à Feira do Livro do Arsenal, em Kyiv, e só durante uma tarde. Aquilo que, na música, se chama uma *toccata e fuga*. Sendo a Ucrânia um país em guerra e parcialmente invadido, a minha mulher e o meu

filho não estavam nada entusiasmados com a ideia de eu fazer essa viagem. O meu filho, sempre lacônico, limitou-se a dizer: «À Ucrânia?» A minha mulher chamou-me à parte: «Eu sei que vais, mas quero que saibas que não estou de acordo e que, se fores, me estarás a magoar.» A minha filha achou interessante. Quanto aos primeiros, sosseguei-os, porque seria algo muito breve, de apenas três dias.

O plano era este: no primeiro dia, sexta-feira, 23 de junho, apanharia um voo de Atenas para Rzeszów, onde me encontraria com duas pessoas: a Maryna Marchuk, uma das minhas editoras em ucraniano, e o Sergio Jaramillo, o muito inteligente e culto negociador internacional. Chegariam ambos à Polónia quase à mesma hora, ele vindo de Bruxelas e ela de Sevilha. De Rzeszów iríamos por estrada até à fronteira da Ucrânia, um pouco mais a leste, de onde apanharíamos o comboio noturno que sai da estação de Przemyśl até à capital ucraniana, viajando toda a noite. No segundo dia, sábado, 24, depois de nos instalarmos no hotel, dedicaríamos a manhã e as primeiras horas da tarde a conhecer um pouco Kyiv, e no fim da tarde iríamos aos dois eventos da feira: uma sessão de autógrafos do meu livro traduzido e a apresentação da campanha *¡Aguenta, Ucrania!*³ com o Sergio, o fundador do movimento, e com a Catalina Gómez, uma velha amiga minha que estava a viver na Ucrânia há quase um ano como repórter de guerra e que faria de moderadora. Neste evento, conheceria Victoria Amelina, jovem romancista e poeta de Lviv.

No domingo teríamos o dia livre e, à noite, depois de visitarmos os museus, as praças e as igrejas, e de esquadriharmos os antiquários e as livrarias, iríamos ver uma peça de teatro em inglês, *Love at Times of War*, montada pela companhia

³ Aguenta, Ucrânia! (N. da T.)

da Anabell Sotelo Ramires, a minha outra editora ucraniana e também atriz. Na segunda-feira, o Sergio teria algumas reuniões nuns ministérios e eu iria aos alfarrabistas, ao museu de Bulgákov e, ao anoitecer, voltaria a correr para a estação central para regressar à Polónia no mesmo comboio noturno e lento que atravessa a metade ocidental da Ucrânia. Esse seria o fim da aventura: manifestar a minha solidariedade para com um país em guerra, partilhar algumas emoções literárias, mostrar a nossa pequena porção de comprometimento político para com as vítimas injustamente massacradas por Putin e, por último, realizar uma curta viagem durante a qual correríamos muito poucos riscos.

*

Um ano e meio antes, no dia 24 de fevereiro de 2022, as tropas ao serviço do líder supremo da Federação Russa, Vladimir Putin, empreenderam uma invasão maciça e ilegal de um país soberano e independente, a Ucrânia. Várias divisões do Exército russo, com centenas de milhares de soldados e dezenas de milhares de veículos militares e tanques de guerra apoiados por aviões, helicópteros e barcos, atacaram o país por terra, mar e ar em três frentes distintas: a fronteira com a Bielorrússia, a norte, em direção a Kyiv; a Crimeia, a sul, em direção a Odessa; e desde a região do Donbass, a leste, em direção a Kharkiv. Este ataque maciço de Putin à Ucrânia foi batizado por ele, com o seu cinismo característico, não como o que era, uma invasão e uma guerra de aniquilação e conquista imperial, mas como uma simples «Operação Militar Especial» com o propósito de «desnazificar» a Ucrânia. Quanto maiores são as mentiras (esta ideia de Goebbels teve muito êxito), menos se podem negar e mais as pessoas tendem a acreditar nelas.

Esse 24 de fevereiro marcou o começo do mais devastador e mortífero conflito bélico da Europa em oitenta anos, desde o final da Segunda Guerra Mundial. A partir dessa data e até ao momento em que escrevo isto, houve centenas de milhares de mortos entre os militares de ambos os lados. Caíram dezenas de milhares de civis ucranianos inocentes (quase todos crianças, mulheres e idosos) em operações indiscriminadas e criminosas dos invasores, que destruíram escolas, hospitais, estações de comboio, aeroportos, centros comerciais, centrais hidroelétricas e parques geradores nas imediações de centrais nucleares. A esta tragédia há que somar dezasseis milhões de ucranianos — um pouco menos de metade dos seus quarenta e um milhões de habitantes — deslocados dos seus lares (metade dos quais refugiados no estrangeiro, especialmente na Europa Ocidental, e a outra metade noutros lugares da própria Ucrânia).

Não foi nessa data nefasta, porém, que teve início a minha relação e o meu interesse particular pela Ucrânia. Dois anos e meio antes, eu já tinha um motivo pessoal, muito mais que geopolítico ou ideológico, para me sentir próximo desse país remoto e para sentir vontade de o conhecer, compreender e percorrer um dia. O meu motivo, tão humano como literário, teve a sua origem num nome muito colombiano, Macondo, e estava representado pelas cartas e as caras de duas jovens entusiastas, risonhas e inteligentes, muito boas leitoras, uma delas atriz e a outra filóloga: Anabell Sotelo Ramires e Maryna Marchuk.

No dia 2 de agosto de 2019, chegou à minha caixa do correio uma carta, a primeira que recebia na vida oriunda desse país tão alheio e desconhecido para mim, desde essa Ucrânia que, na altura, não suspeitei que chegaria a tornar-se uma espécie de amor tardio, uma espinha cravada para

sempre no lugar mais íntimo e pessoal da minha vida. A carta estava assinada pela diretora de um projeto editorial recém-nascido, e dizia o seguinte:

*Boa tarde, caro senhor Héctor,
Chamo-me Anabell, sou editora em Kyiv, na Ucrânia.
Há dois meses, fundámos uma editora especializada
em literatura ibero-americana. Até agora, só publicámos
um livro: Dom Casmurro, de Machado de Assis.*

*Ontem acabei de ler o seu livro Somos o Esquecimento que Seremos e ocorreu-me de imediato a ideia de
o publicar aqui, na Ucrânia. É uma história que, do meu
ponto de vista, representa tanta humanidade e carinho, que
os ucranianos têm de ter acesso à sua leitura, especialmente
agora.*

*Ficaria muito agradecida se me respondesse e me dissesse sob que condições poderíamos difundir o seu livro em
ucraniano.*

Despeço-me com elevada consideração.

Sinceramente,

Anabell Sotelo Ramires

Diretora da Editorial Macondo

Kyiv, Ucrânia

Era uma carta tão direta e simples, e, ao mesmo tempo, tão espontânea e bonita, que não hesitei em responder que sim à Anabell, que podíamos dar seguimento à sua proposta. As condições, como pedi à minha agente, deviam ser as menos onerosas possíveis, apenas as despesas da agência para poder cumprir um novo contrato internacional e mais nada. Ser publicado na Ucrânia depois de Machado de Assis, talvez o maior escritor brasileiro de todos os tempos, um narrador

que venero pelo seu sentido de humor e inteligência, parecia-me uma grande honra e um presságio extraordinário.

Que duas jovens fundassem uma editora num país parcialmente invadido e martirizado pela Rússia⁴ era, além disso, um ato de muita coragem, de pura resistência cultural e com muito poucas hipóteses de vingar. Como eu também empreendera com a minha mulher, em 2016, um pequeno projeto editorial parecido na Colômbia, senti-me muito feliz com a ideia de fazer parte de uma aventura literária tão bela quanto disparatada.

Depois de chegarmos facilmente a um acordo, a Anabell e a sua sócia na editora, a Maryna Marchuk, avançaram com a tradução. No dia 4 de março de 2020, recebi uma segunda carta da Anabell:

Caro Héctor,

Um ano e meio depois, volto a si para lhe dizer que já estamos a trabalhar na edição do seu livro em ucraniano.

Gostava de agradecer-lhe a confiança que depositou na nossa editora.

Além disso, envio-lhe o nosso convite, e também da Feira do Livro Book Space, que tem lugar na cidade de Dnipro, na Ucrânia, todos os anos. Este ano, o festival realizar-se-á de 29 a 31 de maio.

Uma parte do programa é dedicada à Terra Incognita, ou seja, aos escritores e às obras de países pouco conhecidos na Ucrânia. Seria interessante organizar um evento (ou vários)

⁴ Em 2014, a Crimeia foi arrebatada por Putin aos ucranianos (matando ou desterrando os seus mais antigos povoadores, os tártaros), e boa parte das regiões do Donetsk e Lugansk, no leste da Ucrânia, foram desestabilizadas graças à aliança de separatistas locais pró-russos com paramilitares do grupo Wagner enviados pelo czar, mas com os quais o czar negava ter qualquer tipo de relação.

durante esse festival dedicado ao tema da memória, no qual contaríamos com a sua presença.

Por outro lado, podíamos apresentar o seu livro em Kyiv, a capital. A Feira pagaria todas as despesas de deslocação, alojamento, etc.

Gostava de saber se esta viagem seria interessante para si.

Aguardo a sua resposta.

Anabell Sotelo Ramires,

Diretora da Editorial Macondo

Kyiv, Ucrânia

Era interessante, era complementar, que a Colômbia também fosse uma *terra incognita* para os ucranianos. Aceitei ir, mas, como todos sabemos, nesse mesmo mês de março de 2020 o mundo entrou na devastadora crise da pandemia e tudo fechou. Ficámos confinados nos nossos países, nas nossas cidades, alguns apenas num quarto. O Festival de Dnipro teve de ser cancelado e os eventos culturais, na Ucrânia e no mundo inteiro, foram adiados para melhores tempos. (Nessa época, estava longe de imaginar que seria precisamente num hospital dessa mesma cidade, Dnipro, que eu concluiria a parte mais desoladora desta história.)

Como esses melhores tempos nunca mais pareciam chegar, e como a edição ucraniana do meu livro foi publicada nos meses mais virulentos do coronavírus, a Anabell voltou à carga com outra proposta, desta vez para participar, remotamente, numa conversa durante um festival organizado pelo Publisher's Forum de Lviv. Foi durante esse Book Forum de Lviv, em setembro do ano 2020, que vi pela primeira vez, ainda que apenas num ecrã, as duas raparigas da Editorial Macondo, que nesses meses mudara de nome para

Editorial Compás. (Na altura eu também não sabia que essa mesma cidade, Lviv, seria a origem e o fim da parte mais desoladora desta história.)

Quando vi no ecrã, desde a minha reclusão em Medellín, tão frescas e sorridentes, a loura Maryna e a morena Anabell a cumprimentarem-me desde o outro lado do mundo, fiquei admirado por serem tão novas, muito mais novas do que os meus próprios filhos. Eu não sabia, mas, quando a Anabell me escrevera pela primeira vez, havia um ano, só tinha vinte e quatro anos, e a Maryna, a sócia dela, apenas vinte e três.

As perguntas eram inteligentes, a atitude era de um inquebrantável entusiasmo. A aposta literária, uma loucura sem qualquer futuro comercial e, no entanto, também uma aposta na alegria e na esperança num país que defendia orgulhosamente, com ferramentas virtuais e culturais, uma independência e uma identidade recuperadas havia menos de trinta anos — muito pouco tempo, mas todo o tempo da vida de ambas. Conversar com a Anabell e a Maryna durante uma hora ou um pouco mais foi um dos momentos mais agradáveis e reconfortantes daqueles meses de confinamento.

Pouco depois, no dia 24 de fevereiro de 2021 (um ano antes da invasão russa), a Maryna voltou a convidar-me para outra apresentação remota, desta vez por causa do Book Space de Dnipro. As semanas e os meses passaram e, depois, em outubro, no dia do meu aniversário, a Anabell e a Maryna deram-me o melhor presente do dia (desta vez, involuntário):

Caro Héctor,

Temos uma notícia extremamente agradável.

Em Cherkassy, uma cidade ucraniana, está a decorrer uma Feira do Livro que é uma das quatro maiores do nosso país. Durante a Feira teve lugar o concurso «Melhor livro

do ano», e o seu livro Somos o Esquecimento que Seremos ganhou o prémio «Melhor livro estrangeiro traduzido para o ucraniano em 2021».

Esperamos que fique feliz com a notícia e que passe um bom dia.

Cordialmente,

Anabell e Maryna,

Editorial Compás

Depois desta boa notícia (a vida é um baloiço de contrastes), a nossa correspondência foi-se afastando da literatura para se tingir de angústia, perigo e receio.

Das linhas fronteiriças entre a Rússia e a Ucrânia não deixavam de chegar sinais aziagos de que alguma coisa grave estava prestes a acontecer, por muito que Putin assegurasse uma e outra vez que não tinha intenções de agredir ninguém, e muito menos um país irmão com o qual partilhava séculos de ligações históricas. Um gigantesco exército invasor parecia estar a aglomerar-se nas fronteiras, e não para levar a cabo «exercícios militares de rotina», como garantia o hipócrita presidente russo. Escrevi às minhas novas amigas no dia 20 de janeiro de 2022, um mês antes da invasão russa, preocupado com elas e com o que poderia acontecer ao país delas, tendo um vizinho tão mau:

Queridas Anabell e Maryna,

Estou muito preocupado convosco e com a situação na fronteira. Suponho que toda a gente estará numa enorme aflição. O que é que me podem contar? Vivemos tempos difíceis, e mais ainda na Ucrânia. Lamento imenso. Um abraço carinhoso,

Héctor

Curiosamente, a Anabell respondeu-me com muita serenidade. Parecia não querer acreditar no horror que se avizinhava. Estava convencida de que os meios de comunicação, tão propensos a alarmar as pessoas, estavam a exagerar um bocado. Eu também preferi acreditar nisso. Um mês depois, no dia 23 de fevereiro, pouco antes do início da suposta *blitzkrieg* de Putin, a guerra-relâmpago que venceria em dois meses, voltei a escrever-lhes.

Queridas Maryna e Anabell,

Como vocês são as minhas únicas amigas ucranianas, ou, melhor dizendo, como são as únicas pessoas ucranianas que conheço, volto a escrever-vos. Estou preocupado com a situação do vosso país e com as afirmações absurdas de Putin sobre o «genocídio» que os «nazis» da Ucrânia estariam a perpetrar contra os ucranianos de língua russa. Parece-me tudo triste, angustiante e preocupante.

Da última vez que vos escrevi, sossegaram-me bastante, e deram-me mesmo a entender que julgavam que estava tudo a ser de certo modo empolado pelos meios de comunicação. Mas eu sinto que a tensão está a aumentar a cada dia que passa, e, tendo um homem tão pouco equilibrado como Putin do outro lado da fronteira a dizer essas mentiras sem sentido, acho mesmo que pode acontecer qualquer coisa.

Interessa-me saber qual é a vossa perspetiva, pois são o único contacto que tenho com esse pedaço do mundo que agora me inquieta tanto. Sentir-me-ei sempre muito grato pela tradução que fizeram do meu livro. É algo que na atual Rússia nunca aconteceu nem poderia acontecer.

*Um abraço e o carinho de
Ektop*

Quando o dia seguinte amanheceu, começou a invasão, e a resposta da Anabell, desde Kyiv, na tarde de 24 de fevereiro, já foi escrita em plena comoção pelo estado de guerra e em sobressalto pelo som das bombas:

Querido Héctor,

Antes de mais nada, obrigada por estares connosco neste momento tão duro. Acordei com o som das explosões e foi uma experiência que não consigo descrever. A situação em que estamos agora é esta: esperamos o melhor, mas estamos preparados para o pior. Não há pânico, mas as pessoas estão preocupadas e realmente sem saber o que fazer, a não ser apoiar o nosso Exército e difundir a palavra sobre a invasão russa entre a comunidade mundial.

Agora tudo o que queremos é poder voltar a escrever-lhe outra carta na qual lhe contemos que tudo voltou a ser como dantes. Oxalá possamos fazê-lo.

Além disso, quero agradecer-lhe outra vez pelo seu livro, agora está comigo e dá-me muita fé e força.

Obrigada, uma vez mais, pelo seu apoio.

Um abraço muito forte,

Anabell

A Maryna, que teve a sorte de estar em Sevilha na altura da invasão, escreveu-me o seguinte, no dia 28 de fevereiro:

Любові Ektop:

Antes de mais nada, deixa-nos dizer-te que estamos comovidas com os teus e-mails e com o teu apoio constante.

Nós e as nossas famílias estamos relativamente bem. Eu continuo em Sevilha, mas muito preocupada com a minha família, que conseguiu sair de Kyiv e refugiar-se numa

aldeia pacata. A Anabell, pelo contrário, ainda está em Kyiv, refugiada com os amigos e os moradores do bairro numa cave que dantes usavam como teatro. Sentem-se fortes e úteis, cada um à sua maneira.

É muito importante que a América Latina também esteja do nosso lado. É por isso que apreciamos tanto a tua postura. A verdade é que esperamos que mais intelectuais latino-americanos se posicionem. Entretanto, peço-te autorização para traduzir o teu último artigo, «A Ucrânia existe!», para o ucraniano e para o difundir entre os nossos leitores.

Um abraço muito forte de agradecimento infinito. Juntos venceremos esta escuridão.

Maryna

Desde que começara a invasão russa em grande escala, nesse 24 de fevereiro, eu não fazia outra coisa a não ser ler obsessivamente notícias sobre a Ucrânia. Escrevi uma e outra vez artigos sobre o assunto e enviei-os para *El Espectador*, o jornal em que publico a minha coluna semanal, e para outros meios de comunicação em espanhol. O meu interesse nascera, no início, graças a essas duas jovens editoras que ainda não conhecia pessoalmente, mas, entretanto, apercebera-me de quão terrível era aquela violação do direito internacional, e a inaudita tentativa de destruir um país independente que se recusara a obedecer a um vizinho maior e mais poderoso era algo de vital importância e extremamente perigoso para o mundo inteiro e para todos os que, como eu, acreditamos na democracia e na liberdade. A corajosa atitude de Zelensky (que não aceitara o avião que Biden lhe oferecera para abandonar o país com a sua família, pedindo-lhe, em vez disso, armas para o defender) e a resistência heroica do exército ucraniano também me enchiam de orgulho e de esperança.

Como é a vida depois de um acaso que nos salva, mas condena à morte quem se senta ao nosso lado?

«Não, não consigo traduzir tudo aquilo em palavras. As palavras não cheiram, as palavras não doem, a escrita não grita, as lágrimas das páginas não choram, e, embora as folhas tremam, tremem de outra maneira.»

Héctor Abad Faciolince afirma que o esquecimento tem sido o seu «maior aliado». Quem o lê, porém, agradece que o escritor resista e resgate do olvido as histórias que merecem ser contadas.

Em 2023, a recuperar ainda de uma cirurgia cardíaca, Faciolince aceitou o convite para participar numa feira do livro na Ucrânia. Cumpridos os compromissos literários, o grupo com que seguia decidiu deslocar-se a uma das cidades mais próximas da linha da frente, para testemunhar em primeira mão os horrores da invasão russa. Não imaginavam, então, quão de perto iriam viver a tragédia da guerra. Na véspera do regresso, num restaurante em Kramatorsk, Faciolince e os seus companheiros de viagem sofreram um golpe inominável: um míssil russo com seiscentos quilos de explosivos caiu no centro da cidade, matando treze pessoas e ferindo mais de sessenta. Uma das vítimas mortais foi a escritora ucraniana Victoria Améline, guia e companheira da incursão ucraniana que terminou em tragédia. Minutos antes, Faciolince acabara de trocar de lugar à mesa com ela.

Este livro é o relato dessa história, no tom pungente e brutalmente honesto que caracteriza o melhor da literatura deste autor: a indignação diante da morte de um inocente; a culpa e o espanto dos sobreviventes; e o incómodo e fortuito acaso de escapar à morte uma vez mais. Um relato que se transforma numa reflexão desarmante sobre a fragilidade da vida.



«Um dos escritores fundamentais da língua espanhola.»

JAVIER CERCAS, *El País*

«Memorável e necessário.»

LEONARDO PADURA, *El País*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora

@penguinlivros

ISBN: 978-989-589-097-2



9 789895 890972